



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

LUÍS MIGUELBERNARDO

**OLHE O PERIGO: O CORPO DO HOMEMNEGRO
AFRICANO NO CENTRO DAS NARRATIVAS DE
ESTUPRO NAUNILAB**

REDENÇÃO
2021

LUÍS MIGUEL BERNARDO

**OLHE O PERIGO: O CORPO DO HOMEM NEGRO
AFRICANO NO CENTRO DAS NARRATIVAS DE
ESTUPRO NA UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndangalila
Cossa

REDENÇÃO

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Bernardo, Luis Miguel.

B444o

Olhe o perigo: O corpo do homem negro africano no centro das narrativas de estupro na Unilab / Luis Miguel Bernardo. - Redenção, 2021.

35f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa.

1. Africano. 2. Estupro. 3. UNILAB. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.896

LUÍS MIGUEL BERNARDO

**OLHE O PERIGO: O CORPO DO HOMEM NEGRO
AFRICANO NO CENTRO DAS NARRATIVAS DE
ESTUPRO NA UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado na Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira,
como exigência para a nota parcial do
título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 14 de Abril de 2021

Comissão examinadora

Prof. Dr. Segone Ndagalila Cossa
Professor orientador

Prof. M.e Fernando Felix Tivane
Professor avaliador externo

Prof. M.e Ianes Augusto Cá
Professor avaliador interno

“Eu não acho que sou igual a você. Eu sei o meu lugar. Mesmo que eu seja educado, sei que você pensa que eu ainda sou um animal no coração.” – HOOKS (2015)

RESUMO

O presente projeto visa compreender até que ponto o adjetivo *estuprador* quando direcionado aos estudantes africanos na UNILAB traz à tona uma leitura que subtrai a complexidade das masculinidades africanas. Com objetivos específicos, busca-se posteriormente realizar entrevistas semiestruturadas com estudantes africanos de todas as nacionalidades: analisar como a sexualidade dos estudantes africanos é vista e tratada dentro da comunidade acadêmica Unilabiana; problematizar a hipersexualização dos corpos dos estudantes africanos dentro da Unilab e suas adjacências; abordar a centralidade do corpo negro africano da Unilab nas narrativas de estupro. O maior propósito será a construção de um artigo científico, bem como também propor uma reflexão a partir de todo processo de análise de dados e potencialização da bibliografia para refletir conjuntamente com a comunidade interna e externa da universidade como as posições tomadas precipitadamente aos corpos pretos africanos afetam suas relações sociais e culturais, podendo causar traumas permanentes em suas vidas.

Palavras-chave: Africano; UNILAB; Estupro; Hipersexualização

ABSTRACT

This project aims to understand the extent to which the adjective rapist when directed to African students in Unilab brings up a reading that betrays the complexity of African masculinities. With specific objectives, we seek to subsequently conduct semi-structured interviews with African students of all nationalities: to analyze how the sexuality of African students is seen and treated within the unilabian academic community; to analyze how the sexuality of African students is seen and treated. Problematize the hypersexualization of the bodies of African students within unilab and its surroundings; Address the centrality of the black African body of Unilab in rape narratives. The main purpose will be the construction of a scientific article, as well as propose a reflection from the whole process of data analysis and potentiation of the bibliography to reflect together with the internal and external community of the university as the positions taken hastily to African black bodies affect their social and cultural relations, may cause permanent trauma in their lives.

Keywords: African; UNILAB; Rape; Hypersexualization

SUMÁRIO

1. Apresentação	07
2. Justificativa	10
3. Objetivos	12
3.1 Objetivo Geral	12
3.2 Objetivos específicos	12
4. Referencial teórico e problematização	13
4.1 Os corpos negros na história	13
4.2 A naturalização do corpo negro africano como estuprador	15
4.3 A universidade (UNILAB) e o imagético do estuprador africano	23
5. Reflexões metodológicas	27
6. Roteiro de entrevistas	30
7. Cronograma	31
8. Referências bibliográficas	32

1. APRESENTAÇÃO

Existe no Brasil uma visão deturpada sobre as masculinidades dos corpos negros, pois esses corpos ainda são encaradas como abusivas e animais.

Ao questionar a masculinidades alguns homens perceberam que nem todos privilégios masculinos pertencem a eles também, outras variáveis como a raça, a sexualidade e a classe definem as masculinidades. Nas sociedades ocidentais é criada uma masculinidade hegemônica, onde um modelo de masculinidade é tido como padrão enquanto as outras masculinidades são subjugadas perante a ela. Deste modo o “patriarca branco ocidental é o padrão para as masculinidades. Com a empreitada colonial europeia outras formas de ser homem são subjugadas à inferioridade. Esta hierarquia de gênero além de proporcionar opressões à outras mulheres e homens com subjetividades diferentes. (CORREA, 2018, p. 69-70)

Consequentemente, escrevo uma realidade vivida não só por mim, mas por inúmeros corpos africanos que passaram e passam, cotidianamente, relações com estudantes, docentes e técnicos administrativos nacionais, dá e na Unilab/CE, como corpos perigosos, adjetivados como potenciais estupradores. Africanos como eu, são de diferentes lugares sociológicos e geográficos de África. Nos encontramos no Brasil, na UNILAB, para dar continuidade a nossa formação escolar no ensino superior. Diga-se de passagem, a UNILAB não é uma proposta pedagógica comum, distancia-se das demais instituições de ensino superior públicas por ser internacional e com um viés de cooperação e trocas solidárias, epistêmicas, culturais e didáticas entre os países do sul global, principalmente entre Brasil e os países africanos de língua oficial portuguesa.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), foi criada pela Lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010, ela se apresenta como uma instituição autárquica conforme aponta o seu Estatuto. A UNILAB se divide em quatro campos, três deles localizados no interior do Ceará, especificamente em Redenção, que fica aproximadamente a 60 km da capital cearense, Fortaleza, sendo os campus Liberdade, Auroras e Palmares. O quarto campus localiza-se no interior da Bahia, em São Francisco do Conde, aproximadamente 70 km da capital, Salvador, chamado campus dos Malês.

De acordo com a lei supracitada, em seu artigo lê-se que:

A Unilab terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (p. 60, 2010).

No estatuto da UNILAB, aprovada pela resolução 42/2016 e alterado pelas resoluções 33/2017 e 34/2017 do conselho Universitário, nos Artigos 6º e 7º prevê que “a Universidade se inspira nos ideais de liberdade, equidade e de respeito à dignidade humana.” (Estatuto, p. 04, 2016). Nestes artigos fica claro que estão “vedadas no âmbito da Universidade, as práticas de proselitismo religioso ou de discriminação negativa com base em religião, gênero, orientação sexual, raça, etnia, nacionalidade ou qualquer outra”. (Estatuto, p. 04, 2016). No artigo Art. 10º do mesmo estatuto, a UNILAB elege como princípios de atuação:

XII - respeito à diversidade étnico-racial, cultural, religiosa, de gênero e de orientação sexual; XIII - contribuição para a superação dos preconceitos e desigualdades étnico-raciais, sociais, de gênero e de orientação sexual. Vale realçar que a UNILAB é uma instituição brasileira criada dentro do quadro da cooperação solidária e internacional com países lusófonos com ênfase na ideia de cooperação Sul-Sul. (Estatuto, 2016, p. 05)

Segundo as Diretrizes Gerais “a universidade tem por objetivo promover avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e pesquisa de países de expressão em língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária”. (2010, p. 10)

Posto isto, é necessário afirmar que a UNILAB se projeta como uma universidade acolhedora, antirracista e decolonial, talvez por isso o meu encanto e dos demais corpos africanos com este projeto pedagógico internacional e inovador. No entanto, durante a nossa estadia e formação, enfrentamos inúmeras discriminações, racismos, xenofobia e outras violências múltiplas atravessadas, como podemos resumir em frases como: “Você tem leão?” “Em África vocês falam a mesma língua?” “Vocês vieram de barco até aqui?”

A sociabilidade entre estudantes africanos e brasileiros na Unilab e suas adjacências, merece uma leitura sociológica muito cuidadosa, além de se basear em alguns preconceitos e imaginários calcados em visões coloniais e colonizadoras. O corpo preto Africano ainda hoje encontra-se no centro das narrativas de estupro, “naturalizado como o corpo descontrolado e com apetite sexual excessivo.” (Fanon, 1987, p.70).

A UNILAB, como já mencionamos, é constituída por pessoas oriundas de contextos distintos, obviamente têm culturas, hábitos e comportamentos diferentes. Pela minha experiência, com as devidas ressalvas históricas, nos países parceiros da

UNILAB e no Brasil, estupro é um crime punível na lei. Nestes países, incluindo o Brasil, o estupro não está, em termos jurídicos, associado à raça, condição social ou uma classe social específica. Estudos e estatísticas provam que as mulheres são quem mais são estupradas.

O ano de 2018 teve o maior registro de violência sexual, com uma média de 180 estupro por dia. O número representa um crescimento de 4,1% em relação a 2017. No total, foram 53.726 casos registrados no Brasil. Os dados fazem parte do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

No caso de Angola¹...

“o número de casos de abusos sexuais e violação a mulheres menores e adolescente têm estado a tomar proporções preocupantes. As autoridades políticas, judiciais e as forças da ordem pública desdobram-se para controlar a situação com ações que desestimulem a prática de crimes desta natureza. Surgem cada vez mais, novos casos exigindo a tomada de medidas preventivas e punitivas, porque o abuso ocorre em grande número no seio familiar. Segundo relatório a linha de Receção de Denúncia de Violência, entre o mês de Junho e Agosto de 2020, recebeu 575 denúncias de abuso sexual”. (MANUEL, 2020p.147)

O paralelo que estabelecemos entre Brasil e Angola é apenas para mostrar que nestes dois países, são as mulheres que mais sofrem como os estupros. As estatísticas e os estudos são claros neste sentido. O paralelo entre os dois países também visa mostrar que em ambas sociedades o estupro, além de ser um crime tipificado na lei, é condenável socialmente. Ora, porque na UNILAB apenas o corpo negro africano está no centro das narrativas e acusações de estupro?

¹ Falo com certa propriedade de Angola por ser angolano, mas também por conhecer um pouco a literatura angolana que se debruça sobre o assunto em questão.

1. JUSTIFICATIVA

Uma das motivações que me levou a elaboração deste projeto é o desejo de dar voz ao pensamento e as angústias que os indivíduos africanos vêm carregando ano após ano diante das acusações de estupro na UNILAB. Acusações essas que acarretam traumas e feridas profundas em corpos negros que enfrentaram, impávidos e sem a possibilidade de uma posição contrária, linchamentos públicos e nas redes sociais de suas imagens. Me coloco nesse projeto como um homem preto africano que sofreu acusações de estupro, e essas experiências vividas me fizeram entender que os homens pretos e africanos ainda continuam sendo alvos de uma sociedade visivelmente racista.

A escravidão negra no Brasil trouxe profundas marcas para a sociedade contemporânea. A ambigüidade presente no pós-abolição e ao negro não é negado o direito de ser livre, mas lhe são negadas condições dignas de vida, repetindo-se, muitas vezes, lógicas semelhantes a da escravidão e, de alguma forma, persiste nos dias de hoje por meio de práticas racistas, sejam elas explícitas ou não. (NUNES, 2006, p.2)

Quando escolhi a UNILAB, acreditei que não viveria esses episódios de violência, não com essa intensidade e magnitude, por achar que esses resquícios da colonialidade não se faziam presentes em um espaço de ensino superior decolonial. Mas era apenas mais um logro meu e de muitos outros corpos negros. Sobre a ilusão de ser igual, Fanon lembra-nos que:

O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas posições que tinha absorvido como suas. Ele começa então a verdadeira aprendizagem. E a realidade se revela extremamente resistente... Mas alguém poderá pretender que descrevo um fenômeno universal, - o critério da virilidade sendo justamente a adaptação ao social. Responderemos então que esta crítica é inadequada, pois mostramos justamente que, para o preto há um mito a ser enfrentado. Um mito solidamente enraizado. O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina. (Fanon, 2012, p.133)

O linchamento público universitário e nas redes sociais mostra de forma nua e cruel que o corpo negro é o fácil de se acusar e julgar, até porque no cerne do imaginário social no Brasil ainda reside a ideia segundo a qual ‘os africanos são selvagens e agressivos’.

Conrado (2017) elabora um colóquio entre Bell Hooks e Connell na qual reitera que “o impacto do colonialismo na construção da masculinidade entre o colonizado é um capítulo ainda pouco documentado (CONNELL, 1998, p. 13). Ao fugir de generalizações históricas do discurso colonial, observamos que há a recorrência do privilégio das experiências dos homens brancos em contextos coloniais em nome da manutenção da

hegemonia racial. “Bell Hooks registra que virilidade, hipermasculinidade, truculência, hiperssexualização e o anti-intelectualismo obscurantista completam um modelo de homem negro agressivo, materialista e incapaz que é divulgado na sociedade em geral” (Hooks, 2004). Essa socialização divulga entre homens negros o arquétipo do ghetto gangsta-boy, definido como um requisito indispensável para se obter autenticidade racial: para ser visto como negro legítimo, é necessário ser truculento e agressivo, dispensar o trabalho intelectual e minimizar a importância da educação escolar” (CONRADO, 2017).

Desta forma percebo que este projeto é inovador, pois além de não ser tratado do assunto na academia, se propõe a trazer um olhar mais sensível a todos os africanos, sendo eles alunos ou professores, mas principalmente aos discentes, pois é perceptível por nós africanos, que apesar da ‘integração’ afirmada pela universidade, ainda sentimos a distância entre raças e nacionalidades que o colonialismo causou.

2. OBJETIVOS

3.1 Geral

Compreender até que ponto adjetivo *estuprador*, e as narrativas sobre o estupro, é potencializado quando é direcionado aos estudantes africanos da UNILAB, negando toda complexidade do corpo e da masculinidade africana.

3.2 Específicos

- Analisar como as narrativas de estupro enxergam a masculinidade e a sexualidade dos estudantes africanos dentro da comunidade acadêmica Unilabiana;
- Problematizar a hipersexualização dos corpos dos estudantes africanos dentro da Unilab e suas adjacências;
- Abordar a centralidade do corpo negro africano da Unilab nas narrativas de estupro;

4. REFERENCIAL TEÓRICO E PROBLEMATIZAÇÃO

4.1 Os corpos negros na história

Para falarmos sobre a hipersexualização do homem negro precisamos recuar no tempo e no espaço, e como o processo de escrever é tanto quanto subjetiva a sua realidade, “por isso começo a elaborar este projeto lembrando do passado a fim de entender o presente, e crio um diálogo constantemente entre ambos”. (KILOMBA, 2019, p. 29). Também se faz necessário compreender a masculinidade em sua abrangência.

(...) masculinidade é, antes de tudo, um mecanismo de inteligibilidade das expressões corporais dos sujeitos, um crivo que permite organizar os corpos a partir do significante “homem”, agrupando homens “de verdade”, homens negros, homens gays, homens trans, sendo igualmente um campo de disputa, uma arena onde os discursos se enfrentam, avançam, retrocedem, perpetuam-se, morrem e são ressuscitados de acordo tanto com sua lógica interna quanto com sua interrelação com outros discursos, com outras instituições. (BARBARINI, 2018, p.222)

As identidades masculinas africanas sofreram intervenções radicais e as suas identidades foram reconstruídas consoante as narrativas do homem branco colonizador. Essas masculinidades são descritas nos estudos antropológicos e das ciências sociais como em constante mutação ao longo do tempo, seja ela social, cultural, histórica e geograficamente. Porém, o ato de nomear é um ato de poder. E quem tem “o poder de nomear o outro, científica e historicamente falando é o sujeito ocidental” (SPIVAK, 2010). Os regimes de autorização e legitimação do discurso, desclassificam o deslegitimam o lugar de fala do homem negro.

No âmbito dos povos colonizados, localizados nas franjas dos impérios coloniais, a submissão ao colonialismo instituiu a subordinação imediata, principalmente do homem negro africano, ao agente colonial branco, e criou, no mínimo, uma hierarquia, baseada na força militar superior dos europeus. De todo modos, por força da expansão colonial europeia, as identidades masculinas locais sofreram interferências radicais e se reconstituíram relativizadas diante do colonizador. (LUGARINHO, 2017, p.142)

No período da pré-colonização do continente africano, a sociedade constatou que era de vital importância o papel de liderança e autonomia das mulheres. Neste período, a despeito do que a literatura antropológica aponta (COSSA, 2014), é possível falar de matriarcado (IFI-AMDIUME, 1997). Sob a intervenção dos colonos brancos, algumas instituições africanas que empoderavam e centravam o poder comunitário nas mulheres, foram combatidas e ostracizadas (Geffray, 2000). A leitura que se faz das masculinidades africanas exige de responsabilidade a intervenção da empresa colonial nestas.

Portanto, é necessário distinguir entre as identidades africanas tradicionais, híbridas, indóceis e insubmissas (Mbembe, 2013) das identidades africanas criadas/forjadas pela empresa colonial. Mais importante que isto é, questioná-las e analisar as tradições africanas que resistem ainda hoje são importantes na construção das masculinidades negras. Algumas destas instituições são singulares, não se pode estabelecer paralelo com instituições sociais europeias. Pelas leituras que fiz, mesmo nessas, existe sacões em relação ao abuso sexual, pois, “o abuso sexual é considerado fenómeno universal e transversal a todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas” (Drezett, Caballero, Juliano, Prieto, Marques & Fernandes, 2001)

(...) homens negros sem privilégios de classe sempre têm sido os alvos da deseducação. Eles foram e são ensinados que o “pensar” não é um trabalho valioso, que o “pensar” não os ajudará a sobreviver. Tragicamente, muitos homens negros não têm resistido a esta socialização. Não é um mero acidente que homens negros com intelectual brilhante acabaram presos, mesmo quando garotos, por serem considerados ameaçadores, maus e perigosos. (HOOKS, 2015, p.679)

Com o passar dos anos, a situação não apresentou mudanças e o Estado continuou legitimando o genocídio desses corpos, usando a polícia como seu instrumento defiscalização execução. Juliana Borges em seu texto “Necropolítica na metrópole: extermínios de corpos, especulação de territórios” publicada no blog da Boitempo, utiliza o conceito “necropolítica” do sociólogo Achille Mbembe, da qual apresenta:

(...) o poder de ditar quem deve viver e quem deve morrer. É um poder de determinação sobre a vida e a morte ao desprover o *status* político dos sujeitos. A diminuição ao biológico desumaniza e abre espaço para todo tipo de arbitrariedade e inumanidade. No entanto, para o sociólogo há racionalidade na aparente irracionalidade desse extermínio. Utilizam-se técnicas e desenvolvem-se aparatos meticulosamente planejados para a execução dessa política de desaparecimento e de morte. Ou seja, não há, nessa lógica sistêmica, a intencionalidade de controle de determinados corpos de determinados grupos sociais. O processo de exploração e do ciclo em que se estabelecem as relações neoliberais opera pelo extermínio dos grupos que não têm lugar algum no sistema, uma política que parte da exclusão para o extermínio. (BORGES, 2017)

A sociedade continuou normalizando, pois justificava esses atos acreditando que os homens negros eram possíveis estupradores, assediadores e criminosos. Em muitos países africanos esses atos não eram motivados pelo tom de pele e sim pela situação socioeconômico, ou seja, pela classe social. No Brasil a classe social do indivíduo também é levada em conta, mas o tom de pele tem mais relevância visto que o racismo está enraizado no país e compõem a estrutura das principais esferas sociais: saúde, educação e segurança, economia, política.

Este mundo não quer o homem negro pense e questione (KILOMBA, 2019),

pois isso é uma ameaça para a branquidade e seu propósito é manter o povo negro no obscurantismo, com escassez de oportunidades e que tenham um único fim, a criminalidade, a prostituição, trabalhos domésticos ou que permaneçam em situação de pobreza extrema.

Este poder sobre corpos negros é exercido em diversas esferas. Seja na total ausência de políticas cidadãs e de direitos, como falta de saneamento básico, saúde integral, empregos dignos; seja pelo caráter simbólico de representação do negro na sociedade como violento, lascivo e agressivo alimentando medo e desconfiança culminando em mortes simbólicas, pela aculturação, assimilação e epistemicídio, até as mortes físicas, que se estabelecem pela violência, torturas, encarceramento e mortes. (BORGES, 2018, p. 54)

O sistema educacional para negros foi arquitetado para que não tenham êxito, assim quando os indivíduos não se assimilarem nas escolas, haja a naturalização de que eles são desprovidos de inteligência. Então lhes culpabilizar, sem terem a mínima noção que apenas são vítimas de um projeto acadêmico falho e satisfeito com os fracassos dos homens negros. Segundo o relatório do Infopen-2016, os jovens, negros e de baixa escolaridade compõem a maioria da população prisional brasileira. O público-alvo do sistema penal do Brasil é bem definido: 55% são jovens de até 29 anos; 64% são negros; baixa escolaridade, pois 80 % não concluiu o ensino médio.

Muitas vezes, em contextos educacionais predominantemente brancos, homens negros assumem o papel de menestrel do gueto como um modo de se proteger da raiva racializada e branca. Eles querem parecer inofensivos, não ameaçadores, e, para fazê-lo, precisam entreter as pessoas ignorantes, deixando-as saber que “Eu não acho que sou igual a você. Eu sei o meu lugar. Mesmo que eu seja educado, sei que você pensa que eu ainda sou um animal no coração. (HOOKS, 2015, p, 675)

Como na época colonial, atualmente para ser considerado um “gente boa” é simples, é apenas nunca questionar, ser o comediante daquele meio e sempre mostrar disponibilidade para ser educado e civilizado como eles (brancos), o contrário será encarado como bruto e agressivo. Porque para o homem branco o negro não pode se destacar pelas suas abordagens, reflexões e intelectualidade.

4.2 A naturalização do corpo negro africano como estuprador

A obra de Angela Davis “Mulheres, raça e classe” traz temas bastante relevantes e muito discutidos no meio acadêmico e não só. Temas esses que carecem de bastante atenção e cuidado ao ser abordado, pois são questões vividas quotidianamente então tendem a ser complexas e ambíguas. Nessa mesma obra, o seu décimo primeiro subtema a autora entra em um tópico muito importante para ser abordado sobre o estupro, o racismo

e o mito do estupro negro. Nessa parte do texto a autora de uma forma bem introdutória e detalhada, elucida a gênese do mito do estupro negro e a associação do homem preto nas narrativas de estupro.

Segundo a autora nos Estados Unidos da América e outros países capitalistas, as leis que vigoram contra o estupro foram criadas para proteger as filhas e mulheres brancas dos grandes ricos, pois a elite alta e os tribunais não têm nenhum interesse nem preocupação para defender e salvaguardar os direitos das mulheres pretas que passam por situações idênticas. Por isso, são poucos os homens brancos que são julgados por crimes do gênero, pois eles detêm a lei ao seu favor, fazendo com que esses homens sentissem que têm a “legitimidade de estupro”. A autora traz dados muito assustadores de que no ano de 1930 à 1960 foram executados 455 homens por acusação de estupro, deles 405 eram homens pretos. Dessa forma me questiono, quantos deles foram acusados injustamente?

Com esses dados acrescentando-se a realidade vivida, a justiça se mostra com deleite ao executar corpos negros, não importando se há ou não provas, nem mesmo com o depoimento do dito culpado; o corpo preto entra apenas como mais um dado estatístico, com acusações impiedosas e o linchamento social, sendo essas algumas das consequências que racismo faz e como resultado incitando a violência e o genocídio do povo preto. Mitos como o *preto estupro* e a *mulher negra agressiva* se tornam justificativas para continuar com as explorações e legitimar as mortes e o encarceramento em massa da população negra. Barros (2018) analisa que “a imagem sexualizada e animalizada do homem negro serviu como forma de controle dentro de um sistema de estratificação de raças e classes que foi desestabilizado pela emancipação dos escravos”.

O estupro é naturalizado como algo genealógico do homem preto, legitimando os padrões da casa grande que entravam no terreiro dos escravizados obrigando as mulheres pretas a se envolverem sexualmente com eles, desestruturando famílias e causando traumas até os dias de hoje. O estupro do patrão para com a escravizada era muito frequente, onde esses atos fizeram perpetuar os abusos sexuais até a atualidade, além da miscigenação dos povos causadas por essas violências sexuais.

As instituições de justiça também têm as suas estruturas regidas pelo racismo e tem grande facilidade de encarcerar corpos pretos, ou seja, quanto mais pessoas negras estiverem nas margens da sociedade melhor para eles, pois terão todo aparato para matá-los ou condená-los à prisão. E o Brasil mostra de forma evidente que a coloração epidérmica ainda continua sendo um dos critérios para o encarceramento em massa do povo preto como demonstra os dados estatísticos. Quando estratificado segundo a cor da

pele, o levantamento mostra que 64% da população prisional é composta por pessoas negras, enquanto que este grupo compõe 53% da população brasileira, ou seja, dois em cada três presos são negros no Brasil.

Além da animalização e coisificação, os corpos negros também foram caracterizados como objetos, meras cargas e mercadorias com um alto valor no comércio escravocrata transatlântico. E os valores desses homens eram variados consoante ao seu porte físico, os homens negros que apresentavam corpos fortes tinha o valor de venda mais alta. A partir desta ótica, podemos analisar o processo de hipersexualização do corpo do homem preto.

Esses padrões de corpos mais fortes e robustos que o colono outrora selecionava para o trabalho escravo era devido eles aguentarem jornadas longas em campos agrícolas e exploração de minerais. Porém, o colono branco europeu ao coisificar o homem negro, resumiu esses homens apenas pela sua anatomia, ou seja, são apenas corpos que serviam para executar o trabalho escravo. Ao longo dos anos, os povos africanos e afro-brasileiros ao serem escravizados sentiram a necessidade de ressignificar os seus conceitos de beleza e estética, pois, as suas fisionomias eram consideradas rústicas e exóticas.

Esteticamente, os africanos se encontravam bem distantes dos padrões e concepções de beleza europeia. Porém, vários relatos evidenciam que os escravizados possuíam uma beleza e estética peculiares, agradáveis aos olhos dos colonizadores europeus, a beleza que costumamos classificar como “beleza exótica” por não estar em sintonia com o modelo estético que imperava no imaginário branco (SANTOS, 2014, p. 09).

A visão colonial dessa “beleza exótica” perpetuou o corpo africano como animalesco. Em decorrência disso esses corpos representavam não apenas força física, mas passaram a simbolizar os desejos ‘pecaminosos’ da carne, já que os colonos como bons cristãos, era considerado pecado o desejo sexual sem ser ao seu marido ou esposa e principalmente antes do matrimônio. Com isso esses corpos pretos africanos eram demonizados e reduzidos ao seu órgão genital.

Diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital... No plano fenomenológico uma dupla realidade poderia ser estudada. Quanto aos pretos, eles têm a potencial sexual. Pensem bem, com a liberdade que têm em plena selva! Parece que dormem em qualquer lugar e em qualquer momento. Eles são genitais. (FANON, 2012, p. 138)

O erotismo e a sexualidade eram uma prática cultural de povos africanos, onde os atos sexuais eram muito importantes e com grande significado, pois eram o encontro e a conexão entre dois corpos, havendo o desejo, a atração, a envolvência e a sedução, por

isso algumas danças culturais se mostram sensuais, além da necessidade do cuidado com a anatomia física. (SANTOS, 2014, p. 16). Ao longo do tempo tais práticas foram ressignificadas pelo colono branco, passando a endemoniar e considerar como atos promíscuos.

O sexo e os desejos eróticos que eram um tabu e vistos como pecaminosos, passaram a ser práticas cultuadas gradualmente pela elite branca.

A partir do século XIX, com a gradual incorporação de aspectos e elementos socioculturais provenientes da Inglaterra e especialmente da França, promovidas como símbolos superiores de modernidade e civilidade da época, o sexo e as práticas eróticas no Brasil começaram a ser reorientados e disciplinados. Assim, valores como a monogamia, o recato, o controle sistemático dos desejos eróticos passaram a ser cultuados e praticados pela elite branca brasileira. Aos indivíduos negros — além de serem ressignificados como sinônimos de incivilidade e atraso da nação, principalmente após o processo de abolição do trabalho escravo e proclamação do regime republicano — foram atribuídos à luxúria e ao sexo desenfreado e impetuoso, elementos ressuscitados da selvageria e animalidade negra, aspectos mitológicos e estereotípicos criados desde a prática da escravidão africana. (SANTOS, 2014, p.17).

Quando a elite branca começa a praticar o erotismo, ela passou a ser visto como uma cultura, pois eles acreditavam que estavam disciplinados o suficiente para o fazerem, e seria o contrário para os homens pretos, se os praticassem, era sempre associado a selvajaria, animalidade e atos pecaminosos.

(...)a forma com que a sexualidade era concebida no continente africano tomou outros contextos no mundo ocidental, de corpos livres que precisavam ser domesticados e disciplinados. É nesse contexto histórico de concepção e diferenças mundos que “a cor do pecado” estabelece uma marca do corpo negro. Um corpo para ser usado e explorado como objeto. Schwarcz (1996) em seu artigo “Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil” entre fatos e documentos relatam a forma com que esse corpo negro era colocado na sociedade brasileira. (BARROS, 2018, p. 304)

Os cientistas ao estudarem a cultura, a biologia, a anatomia e inclusive as práticas eróticas e sexuais, associaram tais práticas a animalidade, zoomorficando os corpos dos homens negros africanos que eram apenas observados como meros objetos de estudos. Enxergam-nos apenas como experimentos laboratoriais, sendo o continente africano a fonte de enriquecimento rápido da Europa, América e Ásia. Nas inter-relações na UNILABesses estereótipos e violências ainda perduram sobre os corpos pretos. Trazendo à tona a fragilidade da instituição (UNILAB) que se mostra como decolonial e continuam reproduzindo características da época escravocrata, de designar o preto como agressor e com instintos incontroláveis.

O pensamento que eu trago em forma de escrita é apenas uma gota no oceano da perversidade dos homens e mulheres brancas para com os homens e mulheres negras. Somos os brinquedos dos brancos comprados no mercado da humanidade e ofertados por Deus como presente do dia das bruxas.

No artigo de Bell Hooks “Escolarizando homens negros” (2015) traz uma narrativa de como deu-se o processo de escolarização e socialização dos sujeitos (homens negros) e compreender a partir das suas reflexões, memórias, relatos sobre a infância, juventude e o regime educacional dos homens negros. Hooks nos leva a refletir como esse processo segregacionista influenciou na perpetuação da imagem negativa sobre os negros. Imagens essas que tendem a perdurar nas relações entre africanos e nativos dentro da instituição UNILAB de uma forma que contrapõe os princípios que regem a universidade. Deste modo, percebe-se que os ideais estão muito distantes da realidade enfrentadas pelos homens pretos africanos.

O corpo masculino negro tem um (HOOKS, 2015) espaço cultural, então ser um homem negro nesta sociedade significa que você é percebido como um corpo, e não como um cérebro, pois são vistos como seres desprovidos de intelectualidade, portanto a sociedade branca apenas quer ver esses corpos ocupando funções que historicamente falando eram espaços subjugados e de opressão. E como antigamente acreditava-se e ainda hoje há resquícios no imaginário social de que a força física e a resistência são os únicos instrumentos que os homens negros necessitam para a execução de trabalho e para ser um suposto parceiro sexual, e sempre disposto para proporcionar prazer. A UNILAB ainda luta para desprender-se dos resquícios da colonialidade, prova disso são estigmatizações e estereótipos empregados e naturalizados aos corpos dos homens negros africanos.

Em uma das escrituras de Frantz Fanon no seu livro “Pele negra, mascaras brancas” ele traz uma abordagem que dialoga com a frase acima citada, na qual afirma que:

(...) o negro tem uma potência sexual alucinante. Este é o termo: é preciso que esta potência seja alucinante. Os pesquisadores especialistas logo encontram os mecanismos de qualquer neurose. A intranquilidade sexual predomina. Todas as mulheres negras que conhecemos tinham uma vida sexual anormal. Seus maridos as negligenciavam; eram viúvas e não ousavam substituir o falecido; divorciadas, hesitavam diante de um novo investimento objetual. Todas atribuíam ao preto poderes que os outros (maridos, amantes, episódicos) não possuíam. (FANON, 2012, p. 138-139)

Ou seja, no imaginário coletivo, as mulheres brancas, (que o autor nomeia como

negróbas) já expressavam quão alucinante era as habilidades sexuais que os homensnegros possuíam e que no quesito sexual eles eram dominantes. Tornando assim o homem negro despersonalizado e reduzindo apenas em um produto.

De acordo com Paulo Barros e Georges Bataille:

Para o sistema estratificante, há duas razões para se usar essa associação ideológica do homem negro ao estuprador: a de subjugar economicamente uma classe emergente, e a de criar um medo nos brancos que sustenta sua fantasia. E por que um medo haveria de ser prazeroso? Bataille deriva de Freud uma noção importante que relaciona medo e desejo: “O interdito observado fora do medo não tem mais a contrapartida de desejo que é o seu sentido profundo” (Bataille, 1987). A manutenção de uma identidade sexual ameaçada é um dos pilares da teoria de Stoller sobre a perversão. A montagem da cena perversa leva em consideração, para além da negação da castração, também a manutenção de uma ameaça que proporcione a sensação de risco ao ritual, para combater uma falta de excitação natural à estereotipia característica da cena. Um ponto muito importante na teoria de Stoller é que toda pornografia seria uma “pequena perversão” (BARROS, 2018, p.311)

O encontro entre várias culturas por mais diferentes que sejam não legitimam a forma perversa como o corpo preto é enxergando dentro da universidade, pois esses mesmos corpos dão vida ao projeto UNILAB. Entretanto, a necessidade de desvincular a leitura rasa a cerca das masculinidades negras africanas é tanto quanto importante para que tenhamos um diálogo com direito ao contraditório e que as vozes dos homens pretos não sejam silenciadas.

Ainda sobre as masculinidades negras Barros aponta que:

(...) ao trabalhar com quadros de histeria contrapõe o corpo biológico ao corpo significado e marcado pelo desejo inconsciente, pelo sexual e pela linguagem. O corpo negro carrega indubitavelmente marcas e cicatrizes profundas de representações sociais estigmatizadas e preenchidas de fantasias. Esse corpo de sentidos e significados construídos na sociedade brasileira evoca um lugar dúbio. Se por um lado o negro é sucessor de uma memória recente na história que produz e reproduz o preconceito racial através de um corpo que era dado como; coisa, objeto, mercadoria, peça... por outro lado, vive numa sociedade onde a representação desse objeto (negro) é permeada de fantasias e desejos em torno da sua sexualidade no contexto mediático e pornográfico. (BARROS, 2018, p. 313)

Assim sendo, as reproduções de caráter sexual que são empregadas sobre os corpos negros evocam um passado recente que a história causou ao ponto de objetificar e torna-los meros corpos para satisfação dos desejos sexuais brancos.

Retornando a pergunta realizada na justificativa deste projeto: Ora, porque na UNILAB apenas o corpo negro africano está no centro das narrativas e acusações de estupro?

É uma pergunta que exige um resgate histórico da construção da figura do estuprador e das leituras errôneas sobre as masculinidades negras/africanas no Brasil e em outros países com um número elevado de descendentes de homens e mulheres africanos(as) escravizados(as). No caso dos EUA, Ângela Davis (1981) diz-nos sobre a questão que houve uma construção histórica do “mito do negro estuprador”. Tal mito serviu como elemento cultural importante para a continuação da dinâmica de subordinação dos homens negros na sociedade pós-escravista. “Era de interesse ideológico, portanto, que a imagem do homem negro fosse associada à de uma ameaça sexual à pureza e virgindade de mulheres brancas.” (BARROS, 2018, p. 310)

O filme norte americano “The Birth of a Nation” produzido em 1915, aborda entre outras coisas, a supremacia branca e a inferioridade do povo preto. O filme se desenrola criando e perpetuando estigmas/estereótipos sobre o povo preto e um dos tantos estereótipos que o filme exhibe é a concepção do homem negro como esse corpo potencial estuprador. Em uma das suas cenas que o vilão é um homem negro, diga-se de passagem, representado por ator branco que pintou o seu rosto de preto “*Black face*”. Na cena, o vilão persegue uma mulher branca, pois ele quer abusar sexualmente dela. Vendo-se acuada e encurralada no alto de uma montanha sem chance de escapatória, a mulher branca, em um ato de bravura e de manutenção da pureza ariana, impede que o vilão a abuse sexualmente se jogando do alto da montanha a baixo.

A imagem do corpo do homem negro como potencial estuprador, historicamente, está associada à empresa colonial que ainda hoje insiste em manter a narrativa de agressividade, de ausência de intelectualidade e de falta de empatia com os corpos femininos aos homens negros, como forma de justificar a exclusão destes de todas as esferas relevantes da vida social – esfera econômica, política e a cultural. Sobre a empresa colonial e sua capacidade de desumanizar os corpos periférico Mondragón (2012, p.18) destaca que “o pior ato é a conquista de outros homens, outras pessoas; “fazer de outro homem uma coisa ao meu serviço. O conquistador é o pior de todos os homens”. O Outro histórico são os nativos americanos, os aborígenes australianos, os africanos e os afro-asiáticos [...].

É necessário expor o perigo de leitura rasa e superficial destas masculinidades. Sobre esse aspecto aponta Fanonque:

“o negro tem uma potência sexual alucinante” (1983, p. 131), de que o negro é fixado no genital, ou, ao menos, “fixaram-no aí”, “se não é o comprimento do pênis (do negro), é a potência sexual que [...] atinge o branco. Ele afirma que “é na corporeidade negra que se

atinge o negro” (1983, p. 134). É o negro simbolizando o “biológico”: forte, sexo, potente movido por instinto animal. A compleição física do homem negro como fonte disponível de prazer e gozo ligado à ideia de pênis grande e avantajado. (Fanon, 1983, p.131-134)

Ao longo do processo escravocrata, na qual, as suas escolhas de homem escravizado eram através das suas feições, porte físico e musculado, fazem-nos refletir sobre o erotismo, a sexualidade, os desejos e fascínios criados ao corpo do homem negro, todavia, os relatos mais frequentes eram que “eles” (homens negros) são portadores de órgãos genitais muitos compridos e prazerosos, produzindo assim atrações e fetiches sexuais sobre os corpos dos homens negros.

Esses estereótipos ainda perduram no imaginário coletivo até os dias atuais de forma tácita, e muitos homens negros encaram tais designações como elogios, porém, fazem parte de uma das formas do racismo clássico que vem disfarçada de elogios, que vem sendo muito recorrente nos dias de hoje. Abordando ainda sobre os genitais “criados como o mostruário da virilidade dos homens negros”, surge um questionamento feito por Fanon (1983): será real essa superioridade do homem negro? Evidentemente que não, foram narrativas outrora criadas para resumir o homem negro somente ao seu sexo.

Na literatura angolana existe um processo de reconstrução cuidadosamente centrada na valorização de elementos endógenos, temos como exemplo:

“o funcionamento do sistema judicial e a vitimação relativa aos maus-tratos, sobretudo quanto ao abuso sexual, construindo assim uma espiral alicerçada no conhecimento científico com preceitos do senso comum no intuito de devolver à comunidade científica e à sociedade em geral mais conhecimento. (...) Contudo, o abuso sexual é um tema demasiado complexo e abrangente daí a necessidade de restrição... porém o abuso e a exploração sexual são proibidas na maioria das culturas e criminalizadas juridicamente” (ALVES, 2015, p. 01)

Verifica-se então que as:

(...) ascendentes de publicações nacionais e internacionais sobre o abuso sexual de menores e mulheres em geral e a sua relevância social por si só descartam qualquer questão adicional sobre a pertinência do tema, ou seja, deste problema comportamental fruto da relação sociocultural. Admite-se, no entanto, que esta sintética descrição está longe de ser uma definição, visto existir entre especialistas sérias divergências quanto ao que constitui abuso sexual. Neste sentido, parece que a problemática do abuso sexual tem conotação vinculada aos maus-tratos de forma geral. (ALVES, 2015, p. 01-87)

Partindo do argumento dos autores e autoras citadas, pode-se depreender que a construção estereotipada e perversa das masculinidades negras/africanas visa, entre outras coisas, justificar toda a violência colonial e do empreendimento moral e culturaldo

Norte Global em construir o ocidente como a referência ontológica, epistêmica e humana do mundo civilizado, dos valores aceitáveis e das sexualidades desejáveis. Mesmo outrora enxergando as fisionomias no povo preto como rústicas conforme aponta Santos:

Corresponder a um certo tipo de padrão de beleza, mesmo sendo considerada uma beleza “exótica” e “rústica”, demonstrava uma dinâmica de atração e um exercício de certa simpatização, contemplação e fascínio do corpo africano e afrobrasileiro” (SANTOS, 2014, p.10)

Muitos relatos e informações passadas na época apontam como eram descritas a estética dos homens negros escravizados, na qual, a sua anatomia tinha maior destaque nas conversas entre os viajantes, jornalistas e os donos das terras. As escolhas dos escravizados consoante a sua beleza são indicadores de um desejo, um fascínio, e uma atração oculta que pairava e paira no imaginário sexual branco. Nomear, cercar, violentar e traçar limites sobre a sexualidade do homem e da mulher negra/o era também um ato de poder da branquidade.

4.3 A universidade (UNILAB) e o imagético do estuprador africano

Diante de todo aparato histórico contextualizado no projeto, temos a necessidade de dialogar com a instituição UNILAB, tendo em vista que é neste espaço onde os homens negros africanos são adjetivados com instintos sexuais descontroláveis.

Sabemos que a UNILAB tem um diferencial de todas as demais instituições de ensino superior, pois como seu próprio nome já expressa seu projeto pedagógico, se baseia na “integração internacional”, ou seja, contempla o Brasil e os demais países da CPLP. Dito isto, podemos pensar como há dificuldades nessa chegada dos estudantes africanos, pois a UNILAB do Ceará está localizada em Redenção e se insere na primeira cidade a abolir a escravidão no Brasil² que ocorreu em 1º de Janeiro de 1883, mas que só foi oficializado em 1889. Dessa forma se percebe a motivação para inserção da universidade nesta cidade.

Apesar da ilusão de que a cidade seria decolonial, infelizmente nos localizamos em um contexto repleto de preconceitos e estigmatização, que se refletem por exemplo nos donos de imóveis. Além dos altos preços cobrados em moradias que nem sempre condizem com seus valores, há também o preconceito por parte de alguns donos em não

²Para mais informações acessar: <http://unilab.edu.br/historia-de-redencao-liberdade/>

querer alugar suas casas para estrangeiros, pois novamente há uma visão deturpada de que são ‘baderneiros’. Percebe-se aqui que existem muitas visões errôneas sobre nós, estudantes africanos, onde tentam a todo momento nos definir pelo o que escutam e em nenhum momento tentam nos conhecer e dialogar conosco.

É necessário compreender que a UNILAB não é apenas uma estrutura física, mas para a constituição de uma universidade é necessário não só as pessoas que farão parte dela, mas também o meio em que ela se insere. Nossas vivências são dentro e fora dos muros, onde as interações são feitas desde a sala de aula e, até mesmo, ao supermercado da cidade.

Após conhecer e reconhecer todo esse imagético que nos compõe é imprescindível fundamentar o fato que nos trouxe até aqui. Eu, um homem africano e preto, que veio ao Brasil em busca de fortalecer meus conhecimentos e obter a conclusão do ensino superior, vi-me diante de um episódio que me fez perceber duas coisas: a primeira era a visão que eu tinha do Brasil que se esfacelou, pois tinha consciência que era um lugar acolhedor e que não imaginava essa estigmatização intensa sobre os corpos pretos e africanos; a segunda era que meu corpo preto não tinha importância quando se tratava de pessoas brancas, pois depois do ocorrido a confiança e a comunicação foram cortadas de todas as formas.

Após poucos meses da minha chegada na universidade, fui acusado erroneamente de algo que não fiz e que por ocasião de um primeiro momento não sabia que estava sendo culpabilizado. Na época, houveram linchamentos de várias formas, principalmente virtual, com exposição de imagens, prints de conversas e ameaças, vindo de estudantes, movimentos e, até mesmo, da comunidade externa, onde naquele momento me vi sem nenhuma esperança de que algo poderia ser feito. Percebi a facilidade de colocarem um preto africano como “monstro” e que fui silenciado antes mesmo de falar. O julgamento partia de todos os lados chegando um momento onde eu duvidei de mim mesmo, duvidei da minha verdade.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...) V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem; (...) X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; (Constituição Federal, 1988)³

³Para mais informações acessar: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Art. 20. Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais. ([Vide ADIN 4815](#)) (Código Civil, 2002)⁴

Depois de citar tantos autores que se desbruçam a pensar sobre o peso colonial sobre os corpos pretos e juntando-se a isso minha narrativa, percebo mais ainda a facilidade em silenciar e sabotar corpos negros. Quanto ao caso, pretende-se realizar entrevistas com estudantes sobre a temática. No entanto, foram realizadas três entrevistas com estudantes da Unilab, um brasileiro, uma brasileira e um estudante angolano para trazer uma percepção sobre a centralidade dos corpos africanos nas narrativas de estupro na universidade.

O entrevistado 1, brasileiro, evidencia:

“Ok, referente a pergunta é, na maioria das vezes na Unilab quando acontece supostos casos de estupro o modo como a comunidade estudantil e não só, reage ao assunto é de uma forma lamentável, ok, primeiramente estudantes, movimentos, comunidade externa e demais pessoas, é, não aguardam pelo julgamento e começam a, é, trazer juízo de valores e começam a acusar o indivíduo e quando é africano é mais triste ainda pelo fato por exemplo de generalizar ‘os africanos são estupradores’, sabemos que na Unilab existem estudantes africanos mas de vários países, ok, quando dizes ‘ah o africano é estuprador’ traz um sentido pejorativo, preconceituoso sobre essa questão diz que todos são dessa forma mas não só, quanto a essa temática de estupro quando acontece, é, as redes sociais é o tribunal de justiça em que estudantes pegam as fotografias e expõe a fotografia ‘esse é estuprador’ utiliza o termo estuprador como forma de já definir que aquela pessoa fez o estupro, ok, mas por de trás de tudo isso existe uma questão na unilab que é a hipersexualização dos corpos negros africanos é algo que não é discutido mas, é, hipersualizar o corpo não significa que você não deve elogiar, elogiar uma pessoa que tiver um bom físico ótimo muito bem não é isso pode sim, mas no contexto da Unilab pessoas existem pessoas que hipersuxualizam os corpos negros africanos, é, e utilizam isso apenas como por exemplo um fantoche como um fantoche, como fantasia sexual, sim, são utilizados como objetos de desejo sexual, algumas pessoas quando vêem um africano ‘nossa’ bonito, não sei o que, só vai ter com ele pelo fato por exemplo de interesses sexuais e afetivos ou seja aí tem essa questão da hipersexualização, ok, que a não é um objeto que eu tenho que usar e na maioria das vezes quando o desejo não é acatado aquela pessoa ela é acusado de estuprador de violento e bruto, ou seja, o desejo na maioria das não é aceito e acaba utilizando da forma do vitimismo como forma de subsair e acaba acusando o estudante de estuprador de violento e isso traz uma imagem negativa para a comunidade para as comunidades dos estudantes africanos e africanas que estão na Unilab.

⁴Para mais informações acessar: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm

O entrevistado 2, brasileira, evidencia:

“Bom, em quase 4 anos estando na Unilab, percebi e também presenciei que os estudantes africanos estão constantemente nas falas não só de outros estudantes mas também dos moradores das cidades de Redenção e Acarape, e em sua maioria são falas negativas e depreciativas, principalmente quando se trata de assédio e estupro. Já tive o conhecimento de vários casos onde antes mesmo de ser realizado algum tipo de procedimento de denúncia, os próprios estudantes brasileiros expuseram de forma errada aquele estudante, usando sua imagem e o condenando antes mesmo dele poder falar. Casos como assédio que não ocorreram, falsas acusações de estupro, estudante dito como agressivo sendo então a pessoa brasileira que o provocou e inferiu palavras baixas, se tornaram comuns no nosso cotidiano na universidade, infelizmente ninguém se coloca por eles, e quando se coloca é taxado como igual. As pessoas não pensam no quanto é difícil você sair do seu país, do seu continente para vir para um lugar estranho, onde o racismo impera, e além disso ainda há a hipersexualização, quando essas pessoas só vêem os corpos africanos como detentores de prazeres sexuais e apenas isso. Não é levado em conta sua inteligência, suas experiências, como é feito com estudantes brasileiros.”

Entrevistado 3, angolano, evidencia:

“A centralização de corpos africanos nas narrativas de estupros na UNILAB, decorre de diversas perspectivas de Análise, a primeira advém de uma hipersualização destes corpos que vai cair no imaginário de muitos como aquele que tem o "pênis enorme", o "quente", o "bom de cama" e que vai ser induzido a certos atos que mais tarde vão se configurar como estupro.. Para além de toda questão inerente a ideia que o africano tem sobre o outro quando chega na UNILAB (é importante trazer isto). A segunda advém de uma generalização e estereótipo criado sobre o africano, devido a um ou outro caso de estupro, levando a animalização e selvageria do mesmo... Ou seja como ele é africano então é estuprador... Negando - se o direito de resposta para se analisar as situações...Mas preciso deixar explícito que não estou a tentar deslegitimar as vítimas de estupro, reconheço que tem sim africanos que praticaram estupro e outras coisas nada boas por aí, mas questiono constância de relatos com o mesmo sujeito no centro”.

Assim, fica evidente que, de certo modo, as narrativas de estupros e assédios, sobre os corpos pretos africanos na maioria das vezes, são tratadas de formas diferentes e podendo chegar a formas extremas.

Ou seja, no caso do racismo antinegro, as pessoas brancas, de modo deliberado ou não, são beneficiárias das condições criadas por uma sociedade que se organiza a partir de normais e padrões prejudiciais a população negra. (ALMEIDA, 2018, p. 35)

Com a colonização foi criada uma imagem de África e dos africanos que se deu através de fortes estereótipos que rodearam o mundo. Silvio Almeida (2018) escritor negro e brasileiro pensa o racismo estrutural em todas as esferas do Brasil, sendo assim fica visível como os pretos brasileiros sofrem grande represália provinda do período colonial, nesse sentido podemos analisar como os pretos africanos ao virem ao Brasil, carregam dois pesos, o da cor, e o geográfico.

5. REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho partirá de uma pesquisa bibliográfica, com ênfase numa proposta de leitura seletiva da literatura a respeito dos corpos dos homens negros africanos de modo a compreender como o adjetivo *estuprador* que é direcionado aos estudantes africanos na UNILAB, que traz à tona uma leitura rasa que subtrai a complexidade das masculinidades africanas.

Em seguida, este visará aprofundar as teses defendidas na análise qualitativa, exploratória e descritiva causada a esses corpos dentro do espaço UNILAB.

(...) frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, com a entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem. (Lakatos & Marconi, 2002, p. 85)

Assim sendo, de forma mais exaustiva, foi possível perceber que a discussão em grupo focal e a entrevista são as técnicas que melhor se encaixarão para compreensão e análise dos objetivos traçados no projeto e também por ser muito usada nas pesquisas qualitativas. Mas o seu uso não se esgota apenas nelas, sendo que pode aparecer como técnica complementar em outros métodos (como por exemplo a entrevista fechada, que será muito utilizada nas pesquisas quantitativas), que pode se dar por: “(...) duas modalidades mais gerais de entrevista: a face a face e mediada”... (FRASER, Tourinho. GONDIM, Sônia. p. 06)

GÜNTHER, (2010) apresenta-nos características da pesquisa qualitativa) características gerais; b) coleta de dados; c) objeto de estudo; d) interpretação dos resultados; e) generalização. (GÜNTHER, 2010, p. 202).

O autor traça “quatro maneiras de levantar dados no contexto da pesquisa qualitativa: a) dados verbais por meio de entrevista centrada num problema, b) entrevista narrativa, c) grupo de discussão e d) dados visuais por meio da observação participante” (GÜNTHER, 2010)

As entrevistas realizadas no tópico 4.3 foram elaboradas a partir da pergunta: “Qual sua visão sobre a centralidade dos corpos africanos nas narrativas de estupro na Unilab?” Essa modesta e casual entrevista foi desempenhada compreendendo a necessidade de haver falas que expressassem a opinião acerca desse assunto delicado entre estudantes da Unilab que presenciaram ou já tiveram conhecimento de algum caso que envolvesse corpos africanos. Três pessoas se dispuseram a falar sem haver a necessidade

de identificar os entrevistados, sendo eles uma brasileira, um brasileiro e um angolano, onde foi possível notar que em grande parte se assemelhavam, mesmo sendo pessoas de nacionalidade e gêneros diferente. Essa pequena entrevista não afetará as entrevistas que serão realizadas com estudantes africanos futuramente.

Em relação as entrevista que serão realizadas, a discussão em grupo focal e entrevista semiestruturada, será a que adotarei na pesquisa por ela nos permitir ter mais abrangência nas respostas dos sujeitos entrevistados e também para tornar o diálogo entre ambos (pesquisador e pesquisado) mais naturais e confortável para extrair o máximo para coleta de dados. Deste modo elas servirão para compreender, analisar e questionar a realidade vivida por esses corpos “africanos” excluídos, estigmatizados e conotados como estupradores.

Para realização com maior êxito do projeto é necessário que o pesquisador se atente em detalhes minuciosos, que sem um olhar atento pode passar despercebido, portanto tomar bastante atenção quando o convidado selecionado dialoga sobre a temática e observa-los não apenas em um único momento. De fato, elementos como as expressões verbais e não verbais – “(...) estão sujeitos às influências verbais (o que é dito ou pergunta- do), às não-verbais (comunicação cronêmica – pausas e silêncios -, cinésica – movimentos corporais -, e paralinguística – volume e tom de voz), e às decorrentes da visualização das reações faciais do interlocutor”..(FRASER, Tourinho. GONDIM, Sônia, p. 06).

O pesquisador deve compreender que após conquistar a confiança dos sujeitos, pedir o consentimento destes para o uso das informações ali expostas, se pautar por código de rigor e ética deontológico e científico. Antes de mais, o pesquisador deve apresentar aos sujeitos entrevistados o tema na qual esta sendo pesquisado, elucidar os objetivos e os fins pretende com o projeto.

Valladares (2007) na sua obra “Os dez mandamentos da observação participante” versa sobre como torna-se um apazível pesquisador. O pesquisador entrará em contacto com variados tipos de posicionamentos, notar que todas as opiniões por mais simples que sejam, são sempre importantes, e que devemos levar em conta todas elas. As posições que cada participante defende enriquecem o seu projeto, então tirar o máximo de proveito deles, e estar aberto para possíveis contradições ou até mesmo respostas impertinentes, é necessário que o pesquisador compreenda estes aspectos. “O pesquisador é um observador que está sendo todo o tempo observado” (p. 301). Portanto, as suas

gesticulações e abordagens podem causar uma grande influência em seu projeto.

Nossa investigação se centrará na análise e compreensão das repostas enunciadas em entrevista(semiestruturadas) e discussão em grupo focal com os participantes voluntários (homens africanos) que residem em Redenção e Acarape, preferencialmente estudantes da UNILAB. Optaremos por entrevistar 10 (dez) estudantes das diversas nacionalidades africanas presentes na UNILAB. Serão dirigidas a eles 6 (seis) questões que irão direcionar nosso diálogo a fim de compreender os nossos objetivos outroracitados. Posterior a análise e coletas dos dados o estudo será “devolvida” aos sujeitos participantes como forma de agradecimento por eles terem acreditado no projeto. O pesquisador deve compreender que o projeto elaborado é de todos que tornaram ele realidade.

Após a coleta de dados, será realizado a transcrição e a análise das entrevistas, onde será efetuado um relatório de todos os levantamentos colhidos, dando ênfase na continuidade da revisão bibliográfica. Em seguida será desenvolvido um artigo científico como forma de repassar não só para a comunidade acadêmica, mas também a população nativa das cidades de Redenção e Acarape o pensamento e as reflexões desses corpos africanos a respeito da hipersexualização e a naturalização do corpo preto africano detentor de instintos sexuais descontroláveis.

Por fim, é de enorme importância realçar que os objetivos deste projeto não são de descredibilizar a fala das mulheres consoante ao abuso sexual e nem muito menos como forma de autodefesa refletindo os fatos descritos nesse projeto, mas sim, compreender e analisar a centralidade do corpo do homem negro africano nas principais narrativas de estupro.

6. ROTEIRO DE ENTREVISTAS

IDADE:

NACIONALIDADE:

01. Qual sua visão sobre o Brasil antes de vir e após chegar ao país?
02. Em algum momento você já presenciou ou foi acusado de assédio ou tentativa de estupro? Descrever.
03. Em algum momento você já sentiu que seu corpo foi reduzido apenas a um corpo sexual? Ou seja, desprovido de intelectualidade se resumindo apenas ao seu sexo?
04. Em relação aos moradores das cidades Redenção e Acarape, já lhe foi direcionada direta ou indiretamente alguma ofensa ou fala com teor sexual? Se sim, como se sentiu?
05. Em nível jurídico nas cidades de Redenção e Acarape você sente que seus direitos são salvaguardados se caso fosse acusado de assédio e/ou estupro mesmo sem o fazer?
06. Qual sua visão sobre a centralidade dos corpos africanos nas narrativas de estupro na Unilab?

7. CRONOGRAMA

<i>Cronograma para realização das práticas.</i>	<i>Previsão para realização das práticas.</i>
Continuidade da revisão bibliográfica	Junho, 2021
Contato com entrevistados	Outubro, 2021
Transcrição e análise de entrevistas	Novembro/Dezembro, 2021
Redação do relatório de pesquisa	Fevereiro/Março, 2022
Construção do artigo científico	Junho/Julho, 2022

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018
- ALVES, Marilene de Sousa Barbosa. **O abuso sexual de menores em Luanda: percepções e concepções do sistema acerca da proteção social e do ordenamento sociojurídico.** 2015. Tese de Doutorado. [sn].
- AMADIUME, Ifi. **Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture.** Londres: InterlinkPublishingGroup, 1997.
- BARBARINI, Neuzi; MARTINS, Daniel Fauth Washington. **Masculinidade como instituição: uma análise conceitual do “ser homem” no Brasil.** Psicologia Argumento, v. 36, n. 92, p. 216-236, 2019.
- BARROS, Paulo Esber; BARRETO, Robenilson Moura. **Corpo negro e pornografia.** Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 12, n. 19, 2018.
- BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte (MG), letramento, justificando, 2018.
- CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. **“Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo”? Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo.** Revista de @ntropologia da UFSCar, 8 (1), p.41-52, jan./jun. 2016.
- CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. **Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate.** Revista Estudos Feministas, v. 25, n. 1, p. 73-97, 2017.
- COSSA, Segone Ndangalila. **Corpos Ubíquos: um estudo etnográfico sobre a construção social dos corpos em Moçambique.** 2014.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe: Estupro, Racismo e o Mito do Negro Estuprador.** Boitempo Editorial, 2016.
- de Sandra ReginaGoulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- DOS SANTOS, Daniel. **Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica.** Universitas Humanas, v. 11, n. 1, 2014.
- DREZETT, Jefferson et al. **Estudo de mecanismos e fatores relacionados com o abuso sexual em crianças e adolescentes do sexo feminino.** Jornal de Pediatria, v. 77, n. 5, p. 413-419, 2001.
- FRANTZ, Fanon. **"Pele negra, máscaras brancas."** 2012.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

GEFFRAY, Cristian. **Nem pai nem mãe: crítica do parentesco: o caso macua** . Ndjira, 2000.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006

HOOKS, Bell. **Escolarizando homens negros**. Revista Estudos Feministas, v. 23, n. 3, p. 677-689, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

LUGARINHO, Mário César. **Paradigmas confrontados: algumas masculinidades nas literaturas africanas de língua portuguesa**. Metamorfoses-Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros, v. 14, n. 1, p. 141-151, 2017.

Manuel E., Azeredo Z. (2020) Abuso sexual de crianças em Angola: cultura e punição, Journal of Aging & Innovation, 9 (3): 146- 163 2020

MANUEL, Ernestina Bonguela Candele; AZEREDO, Zaida. **Abuso sexual de crianças em Angola: cultura e punição**.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. MARCONI, Marina, 1990.

MONDRAGÓN, Héctor. **Greve de massas e Nacionalização da Terra**. 2012

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. Psicologia USP, v. 17, n. 1, p. 89-98, 2006.

Pimenta, M. E. (2016). **Vítimas de abuso sexual submetidas ao silêncio sepulcral**

SIMONE-FINSTROM, Michael; SPIVAK, Marla. **Propolis and bee health: the natural history and significance of resin use by honey bees**. Apidologie, v. 41, n. 3, p. 295-311, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Rev. bras. Ci. Soc. vol.22no.63, São Paulo, Feb. 2007.

Material de Imprensa e Internet:

Abuso sexual de crianças em Angola: cultura e punição. Disponível

em: <http://journalofagingandinnovation.org/wp-content/uploads/8JAIV9E3.pdf>. Acesso em 21 de Março 2021

Código Civil. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm

Constituição

Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

. Acesso em 5 de Abril 2021

Diretrizes gerais Unilab. Disponível em:

<http://www.unilab.edu.br/?s=diretrizes&submit=Pesquisa> Acesso em 28 de fevereiro de 2021

Estatuto Unilab. Disponível: <http://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/Estatuto-Unilab-Dez.2020.pdf> Acesso em 28 de fevereiro de 2021

História de Redenção. Disponível em: <http://unilab.edu.br/historia-de-redencao-liberdade/#:~:text=O%20atual%20nome%20Reden%C3%A7%C3%A3o%2C%20oficializado,de%20Deocleciano%20Ribeiro%20de%20Menezes>. Acesso em 5 de Abril 2021

PDI Unilab. Disponível em: <http://www.proplan.unilab.edu.br/sobre/coordenacao-de-planejamento/plano-de-desenvolvimento-institucional/> Acesso em 28 de fevereiro de 2021

Pesquisa: em média, 180 mulheres são estupradas por dia no Brasil. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/pesquisa-em-media-180-mulheres-sao-estupradas-por-dia-no-brasil>. Acesso em 19 de Março 2021

Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoas-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>. Acesso em: 19 de Março 2021

The Birth of a Nation 1915 1080p. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGQaAddwjxg>. Acesso em 02 de Abril 2021